

Desastres dos homens da lei

ANA BEATRIZ MAGNO

DA EQUIPE DO CORREIO

A greve da Polícia Civil do Distrito Federal fechou delegacias, espalhou insegurança durante nove dias e acordou o Ministério Público para a importância do controle externo da atividade policial. A mesma polêmica sacode São Paulo desde os sangrentos ataques de maio passado.

Investigações do MP paulista apontam para uma reação desastrosa dos homens da lei. Em nome da vingança, humilharam, feriram, mataram inocentes e, pior, não sufocaram as ações do crime organizado. Na quarta-feira, agentes penitenciários de São Paulo cruzaram os braços em protesto contra o assassinato de um carcereiro. Na sexta-feira, mais uma rebelião explodia no presídio de Presidente Bernardes. A semana também não terminou tranquila no Rio de Janeiro.

Autoridades do governo fluminense admitiram abrir inquérito para apurar o envolvimento de cinco PMs na morte de um pedreiro que, sem qualquer antecedente criminal, foi liquidado na frente de casa, na noite de quinta-feira.

O noticiário dos últimos dias revela cenas de uma sociedade conflagrada pelo desastre da política de segurança pública nas três principais cidades do país. Brasileiros, cariocas e paulistas temem bandidos e agentes da ordem, se protegem atrás de muros cada vez maiores e assistem à verborragia das autoridades – as de esquerda culpam 500 anos de colapso social no país. As de direita babam soluções selvagens e pregam a sangria da bandidagem.

Mas, para quem quer aprofundar a reflexão e já percebeu que o receituário de direitistas e esquerdistas faz tábula rasa de um assunto para lá de complexo,

Fotos: José Varella/CB/5.5/06



ESTRATÉGIA DE POLICIAMENTO E POLÍTICA DE SEGURANÇA ORIENTADAS PARA AUMENTAR O NÚMERO DE PRISÕES ESTÃO CONDENADAS AO FRACASSO, SEGUNDO ESTUDO

acaba de ser editada uma boa fonte de pesquisa. A *Síndrome da Rainha Vermelha. Policiamento e Segurança Pública no século XXI*, de Marcos Rolim, um dos mais respeitados e premiados especialistas brasileiros em direitos humanos. É o primeiro livro brasileiro com selo da quase milenar Universidade de Oxford, na Inglaterra, e chega ao Brasil com parceria da editora Jorge Zahar.

As 312 páginas são fruto de dois anos de estudos em Oxford e oferecem ao leitor uma carrada de dados sobre estratégias mundiais de combate ao crime e apresentam um mosaico dos mais

modernos estudos sobre policiamento, sistema penitenciário, prevenção, perfil do criminoso e papel da mídia na escalada da violência em vários países

Americanos e britânicos são responsáveis pela maior parte da bibliografia mundial sobre segurança pública. O Brasil engatinha na área. A produção acadêmica é pequena e falta acesso dos policiais ao que há de mais moderno na literatura internacional. A *Síndrome da Rainha Vermelha* é uma oportunidade de reduzir essa lacuna. O autor mergulhou sobre centenas de pesquisas, entrevistou policiais ingleses e conseguiu

comparar a realidade brasileira com a de sete nações: Austrália, Nova Zelândia, Canadá, África do Sul e principalmente Inglaterra e Estados Unidos.

“A idéia de que as realidades do estudo guardam pouca ou nenhuma relação com a realidade brasileira ou latino-americana é uma falácia. A mentalidade de que precisamos de políticas de segurança e de polícias de quarto mundo é inaceitável e ofensiva à inteligência”, ataca Rolim. “Os estudos mostram que o crime, as polícias e os sistemas de justiça criminal se parecem muito em todos os lugares. Os tribunais, as

penais e os presídios são derivados de um mesmo arcabouço teórico, são tensionados pelo mesmo tipo de pressão e têm recebido as mesmas críticas.”

Corrida de Alices

O título *Rainha Vermelha* é uma referência a *Alice no País das Maravilhas*, o clássico de Lewis Carroll, onde menina e rainha travam um curioso diálogo. “Vamos, Alice, corra, corra mais”, grita a majestade. Alice se desespera e percebe que, apesar de seu esforço, não sai do lugar. A rainha ri e explica que, em sua terra é assim mesmo: corre-se

para ficar no mesmo lugar.

“O paradoxo serve de metáfora para pensarmos o drama da segurança pública brasileira: quanto menos funcionam as práticas e os métodos adotados, mais são privilegiados pelo investimento público e mais são aplicados pelas autoridades da área, que os repetem acriticamente”, lamenta o sociólogo Luiz Eduardo Soares, ex-secretário nacional de segurança pública. “Aqui não há qualquer compromisso com a racionalidade, com a pesquisa consistente e com o acompanhamento crítico dos experimentos nacionais e internacionais”, diz Soares.

Ao final, o leitor terá dois mitos derrubados: o de que só é possível tomar a arma do bandido quando suas desgraças sociais forem solucionadas e de que a criminalidade diminui com endurecimento das penas e com o crescimento dos contingentes policiais.

“Estudos feitos na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos chegaram a uma conclusão convergente: multiplicar o número de policiais nas ruas não surte efeito algum sobre o volume de criminalidade”, explica Rolim, ex-deputado federal por dois mandatos consecutivos pelo PT gaúcho e que, desencantado com a política, recorreu a dois remédios para tratar da decepção com a estrela de seu partido.

Jurou jamais disputar eleição e embarcou para estudar em Londres com projeto de pesquisa financiado pela Fundação Ford e orientado pelo famoso historiador Leslie Bethell, diretor do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Oxford. A seguir, conclusões desses dois anos de trabalho e alguns números que ajudam a entender o que se passa nas ruas, nas delegacias e nos presídios de Londres, do Rio de Janeiro, de Nova York, de São Paulo e de Brasília: